

## **MÍMESIS E A TRAIÇÃO CONSEQUENTE DE JOÃO CABRAL**

Edneia Rodrigues Ribeiro (Doutoranda UFMG/ Professora IFNMG)

Prof. Dr. Sérgio Alcides Pereira do Amaral (Orientador UFMG)

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar o texto “A traição consequente ou a poesia de Cabral”, publicado no livro *Lira e antilira* (1968), observando as possíveis interferências de uma teoria mimética nessa leitura que Luiz Costa Lima faz acerca da poesia de João Cabral de Melo Neto. Reconhecendo-se que a escrita desse livro antecede à exposição da teoria da *mimesis* formulada por Costa Lima, serão observadas as associações entre esse conceito e algumas ideias apontadas por esse autor nessa análise da poesia cabralina, como a visualização do real por meio de lentes desfocadas e a ruptura desse poeta pernambucano com alguns europeus que foram importantes para a sua formação poética. A partir dessas aproximações, buscar-se-á demonstrar que, mesmo de modo incipiente, a noção de *mimesis* como aquilo que instaura a diferença e não como o que reitera semelhanças já pode ser notada nesse livro de 1968, embora esse autor só venha demonstrar claramente esse conceito em *Mimesis e modernidade*, publicado em 1980.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luiz Costa Lima, *mimesis*, João Cabral de Melo Neto.

Em *Lira e antilira*, livro em que estuda a poesia de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral, além de uma breve passagem por Manuel Bandeira, Costa Lima faz um estudo da obra cabralina, desde o primeiro livro *Pedra do Sono* (1942) até *Dois Parlamentos* (1960), analisando-a em paralelo com a corrente filosófica da fenomenologia, de Edmund Husserl. Para Haroldo de Campos, esse terceiro livro inicia uma nova fase na carreira de Costa Lima, pois “[seus] estudos são precedidos de uma discussão da crítica estrutural e da proposta de uma crítica dotada de ‘visada estruturalizante’, porém não destituída da ‘consideração histórica’”. (CAMPOS, 1999, p. 150) Ainda que haja divergência acerca da posição de que em *Lira e Antilira* pratica-se uma crítica estrutural, a fala de Campos chama a atenção para o fato de esse livro demonstrar o amadurecimento profissional desse crítico à medida que analisa o literário amparando-se em uma teoria, o que indicaria o princípio da sua crítica da razão

estética. Fugindo do amadorismo no exercício da crítica literária, Costa Lima apresenta métodos e teorias que começam a propor uma resposta para a pergunta que lhe fizera o seu pai, quando da sua decisão de se dedicar ao estudo da literatura: “Como se estuda literatura?” A essa questão ele tem se dedicado desde então, desenvolvendo estudos que aliem o teórico ao literário, como fez nessa análise da poesia de João Cabral.

Apesar de ser cartesiano, Husserl transpõe certos limites da filosofia de Decartes e lança bases para a fundamentação da filosofia contemporânea. Esse movimento influenciou filósofos como Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, sendo desenvolvido também em pesquisas voltadas à literatura. A partir da obra de Roman Ingarden, discípulo de Husserl e visto como um dos fundadores da estética da recepção, a fenomenologia passa a aplicar-se à teoria literária. Ao sugerir a interação entre a consciência do sujeito e do objeto, a crítica fenomenológica acaba utilizando algumas das ideias dessa linha, principalmente a de que a obra de arte serve como mediadora entre a consciência do autor e do leitor, por isso enfatiza-se a recepção do texto literário e a sua interação com o leitor, sem se ater a análises mais subjetivas ou centradas na figura do autor.

Husserl propõe a recuperação da realidade das coisas, para tanto seria necessário separar a consciência do sujeito da consciência naturalista, a fim de purificar a relação entre sujeito e objeto e manter cada uma dessas partes com sua respectiva funcionalidade. Isso tornaria possível a revisão da ideia de exterioridade (conhecimento) e interioridade (consciência do sujeito), por considerar a natureza do sujeito diferente da natureza do objeto. Apesar dessa diferença entre sujeito e objeto, a teoria da fenomenologia não pode ser vista como um afastamento do mundo real nem como a criação de outro derivado dele, mas como proposta de um distanciamento temporário e metodológico por meio do exercício da *epoché*, pelo qual se pode atingir a maneira originária do homem diante das coisas. Assim, por meio dessa relação bipolar entre consciência e mundo, essa corrente filosófica postula uma posição ativa que se desdobra, constituindo o conhecimento e possibilitando a sua relativização.

Relacionando as ideias da fenomenologia a sua leitura da poesia de Cabral, Costa Lima afirma que:

À *epoché* do filósofo corresponde a palavra cabralina tomada a todo pulso, não violentada, mas domada, em que suas fontes mágicas ou melódicas são transformadas em fontes de lucidez. Daí a sociedade que, por assim dizer, prepara e antecipa a poesia de João Cabral. Assim

como para Husserl “a linguagem... não é a palavra do ser, mas a palavra dos sujeitos que vivem para sempre.” (*Funzione delle Scienze*, etc. p. 225) a poesia para Cabral não é a revelação do Mistério, mas a busca de rompê-lo. Não o mundo sujeito ao enigma, mas o mundo do homem-sujeito. (LIMA, 1968, p. 410)

Ao associar o conceito de *epoché* à lucidez com que a palavra é domada na poesia de Cabral, Costa Lima indica que esse poeta, sem abandonar o mundo ou criar um simulacro dele, distancia-se provisoriamente, a fim de vê-lo não como ele realmente é, mas como ele pode ser representado. Com base nisso, esse crítico chama a atenção para um provável realismo fenomenológico na poesia de João Cabral, que se dividiria em duas fases, sendo: a primeira composta pelos livros *Pedra do sono* e *Os três mal amados* e a segunda se desenvolveria a partir de *O engenheiro*. A primeira caracteriza-se pelo aspecto lunar e abstrato, ao passo que a segunda destaca-se pela solaridade e concretude, sendo que em *O engenheiro* entrecruzariam essas duas vertentes.

A *epoché* husserliana, ou seja, a possibilidade de ver o mundo não como ele é, mas como ele pode ser representado, também se associa à afirmação de Costa Lima de que em *O cão sem plumas* há uma visualização que se difere de copiar a realidade anterior ao texto, pois o ato de visualizar se faz a partir de uma lente desfocada. Nessa forma diferenciada de visualizar, a palavra pode “tornar a imagem como estratégia para nomear o que a linguagem direta não nomeia e o que a linguagem sugerente esqueceria ou embelezaria”. (LIMA, 1968, p. 301). Apesar de, nesse momento, Costa Lima ainda não ter formulado nem nomeado a sua teoria da *mímesis*, é possível estabelecer associações entre a visualização do mundo por meio dessa lente desfocada, sobretudo em um texto marcado pelo tom de crítica social, como é o *Cão sem Plumas*, à ideia de *mímesis* que se diferencia da simples imitação da realidade ou de um modelo. A lente desfocada do poeta não se limita a retratar o mundo tal como ele é, mas busca representá-lo como esse poeta o imagina.

Para pensarmos nas possíveis relações que essa visualização sob uma lente desfocada estabelece com a então futura teoria da *mímesis* de Costa Lima, torna-se relevante compararmos dois trechos extraídos dos livros *Lira e antilira* e do *Mímesis e modernidade*. No primeiro, ao discorrer sobre o modo como a realidade é visualizada em *O cão sem plumas*, Costa Lima afirma que

A lente que se distancia ou, ao invés, se aproxima, realiza atos que na realidade não cumpriu. Melhor dito, que cumpriu reflexivamente. [...] o afastamento e a aproximação da lente são traduções poéticas da ideia de que os horizontes das coisas não se restringem ao que é dado ver agora. (LIMA, 1968, p. 392/393)

Essa maneira de visualizar não se limita a retratar o real tal como ele é, mas caracteriza-se por mostrá-lo a partir de uma percepção que se dá na imaginação, num plano que vai além do que é possível ver. Fazendo um paralelo com o que é dito posteriormente acerca daquilo que não se representa como reflexo do real, no livro de 1980, Costa Lima indica que

Em suma, toda obra que não tem nem uma relação direta, nem a possibilidade de um efeito direto sobre o real, só poderá ser recebida como de ordem mimética, seja por representar um Ser previamente configurado – *mímesis* da representação – seja por produzir uma dimensão do Ser – *mímesis* da produção. (LIMA, 1980, p. 171)

Com base nessas considerações, pode-se relacionar esse modo de ver possibilitado pela palavra poética em Cabral a uma percepção mimética da realidade no sentido em que ela é pensada por Costa Lima, como disseminação da diferença e não como a reiteração de semelhanças, como se confirma nas seguintes observações desse autor

A *mímesis*, se ainda cabe insistir, não é imitação exatamente porque não se encerra com o que a alimenta. A matéria que provoca a sua forma discursiva aí se deposita como um significado, apreensível pela semelhança que mostra com uma situação externa conhecida pelo ouvinte ou receptor, o qual será substituído por outro desde que a *mímesis* continue a ser significante perante um novo quadro histórico, que então lhe emprestará outro significado. (LIMA, 1980, p. 24)

Embora a noção de que a realidade representada nas obras literárias não poderia ser tomada como um correlato daquilo que equivalha ao real já tivesse ruminando desde o livro de 1968, é partir da publicação de *Mímesis e modernidade* que esse autor desvincula definitivamente os termos *mímesis* de *imitatio*. Nessa separação, ele indica que a *mímesis* não pode ser vista como representação por reflexo ou imitação de um real já dado, mas deve ser pensada com base na sua singularidade de produzir a diferença, conforme indicam as palavras de Sergio Alcides Pereira do Amaral, “a atividade

mimética não reproduz o semelhante, senão que engendra o diferente.” (ALCIDES, 2003, p. 932). Ao propor que a *mimesis* se caracteriza pela produção da diferença, Costa Lima se distancia de outros pós-estruturalistas, como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, pois enquanto o brasileiro debate a diferença a partir da *mimesis* e da representação, os franceses discutem a diferença negando tanto a *mimesis* quanto a representação.

Como sugere o título, em “A traição consequente ou a poesia de João Cabral” são apontadas as influências exercidas por poetas como: Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Paul Valéry, Rainer Maria Rilke e Jorge Guillén, sobre a poesia de João Cabral. Além de pontuá-las, Costa Lima demonstra como elas foram ultrapassadas e problematizadas pelo poeta pernambucano, apesar de reconhecer e validar a importância desses precursores na sua poesia. Considerando-se que nesse livro surgem algumas ideias que podem ser relacionadas à teoria mimética, posteriormente defendida por Costa Lima, a traição de João Cabral a esses poetas estabelece relações com a ideia de que a *mimesis* volta-se também para a questão das artes periféricas como propõe *Mimesis e Modernidade*. Nesse livro, reflete-se sobre a dependência econômica e cultural que as nações situadas na periferia do capitalismo, caso do Brasil, por exemplo, mantém em relação às metrópoles e grandes centros onde circula o capital. Segundo ele, isso nos torna imitadores, em certa medida, da arte produzida pelo centro, representado pela Europa e pelos Estados Unidos. Essa questão das culturas periféricas como imitadoras é retomada e problematizada em “O pai e o Trickster”, de *Terra Ignota*, texto no qual discute sobre as condições da América Latina para a crítica literária. Para esse autor,

Ao contrário do que afirma a visão funcional-economicista, as áreas marginais ou instáveis não estão fadadas a produzir obras imitativas. Tampouco é aceitável a posição daqueles que estão prontos a reconhecer a qualidade igual de obras concebidas nas mais distintas latitudes. Todas elas, afirmam, trazem a marca da criação contemporânea e são, em comum, exploração de limites. (LIMA, 1997, p. 273)

Recuperando a ideia de que a *mimesis* se relaciona também à questão das artes periféricas, pode-se inferir que o *Trickster*, que agora reflete sobre a atuação do indivíduo e da cultura nos campos marginal e metropolitano, nega a imitação de um

modelo para instaurar uma arte própria que, mesmo que se constitua de elementos de outras culturas, distancia-se deles. Associando o *Trickster*, aquele que implode as fronteiras ao invés de simplesmente explorá-las, à traição de João Cabral aos poetas franceses e espanhóis, pode-se afirmar que o poeta brasileiro transforma a influência exercida pelos seus precursores em *mimesis*, produção de diferença, ao invés de *imitatio*, reiteração das semelhanças.

Entre as influências e conseqüentes traições de João Cabral serão destacadas, neste trabalho, aquelas advindas de autores estrangeiros, pensando-se na ideia de *mimesis* das literaturas periféricas em relação às literaturas metropolitanas. Por esse motivo, não serão mencionadas as aproximações e rupturas em relação a Drummond, Bandeira e Murilo Mendes, sem que isso indique desconsideração à relevância desses poetas para a poesia cabralina. Em relação a Valéry, embora mantenha “o rigor no trato da palavra, o ideal do poema construção” (LIMA, 1968, p. 279), Cabral trai o projeto de poesia pura, dessacralizando esse conceito em “Fábula de anfião” com o ato de atirar a flauta, ou seja a musicalidade do poema e a própria noção de virtuosidade poética, aos peixes surdo-mudo do mar. Assim, enquanto para o primeiro o modelo de poema é pensado a partir da música e da arquitetura, no segundo, a linguagem se constitui com base na engenharia e na pintura. Conforme aponta Costa Lima, “enquanto Valéry se aproxima de conceitos-chaves de Bergson, o trajeto de João Cabral estará manchado pela\* (sic) empreendimento fenomenológico”. (LIMA, 1968, p. 280). João Cabral volta-se mais para o visual e imagético, que se associa, nessa leitura de Costa Lima, ao realismo fenomenológico.

Além de outras traições, como a negação da música do poema em Baudelaire e da poesia pura de Valéry, Costa Lima aponta o realismo fenomenológico como uma das características que vai afastar João Cabral de poetas como Mallarmé, Guillén e Rilke. Ao comentar a análise que o crítico Poulet faz do poema *Cántico*, de Guillén, Costa Lima afirma que

A posição do crítico francês parte do pressuposto que a subjetividade exerce em Guillén um papel mais receptor da realidade que em Mallarmé ou em Rilke (autores que ele expressamente cita). Assim de fato acontece. Mas o problema não se encerra aí. Em ambos os casos, o mundo aparece como dado. Em Mallarmé para ser negado, em Rilke para ser subjetivizado, em Guillén para ser afirmado como esplendor. Distinguem-se, portanto, na maneira como encaram esse óbvio. Nenhum deles porém vai descascá-lo desespacializá-lo para que o apresentem por dentro. Esse mesmo fato que aproxima, Guillén,

relativamente da poesia europeia, caracteriza mais fortemente a “traição” de Cabral a todos eles. (LIMA, 1968, p. 290)

Desse modo, o realismo fenomenológico de João Cabral o separa de Guillén e desses outros poetas europeus, devido às relações diversas que se estabelecem entre poesia, poeta e mundo. Diferentemente de seus precursores, o mundo aparece na poesia cabralina não para ser negado, subjetivizado ou enaltecido, mas para ser tirado do seu lugar comum, ser explorado, descascado e representado por dentro. Pode-se dizer, portanto, que a preocupação de Cabral em não fraudar a realidade por meio da linguagem é perpassada por uma dupla responsabilidade, uma estética e outra ética. A esse respeito Costa Lima afirma que

Enquanto neles a palavra tende a instaurar a aniquilação do real em que se tivesse baseado, em Cabral o poeta tem uma dupla responsabilidade, responsabilidade enquanto artista e não meramente ética. Responsabilidade artesanal, pela qualidade do que escreve, responsabilidade humana, embora também artesanal, em não fraudar a realidade pelo uso de um instrumento que, dela não sendo mais que um sinal, pode se converter em uma peça contra a realidade, contrária aos que nela vivem enganchados, sem outra possibilidade que a do viver pé contra o chão. (LIMA, 1968, p.319)

Desse modo, o realismo fenomenológico na poesia de Cabral, possibilita-lhe desenvolver uma das suas principais rupturas: visualizar o mundo com a sua lente desfocada sem se descuidar das qualidades artísticas ou formais. Ao instaurar um lirismo que mais punge que comove, dissolver qualquer ilusionismo verbal e afastar de si quaisquer nódoas de otimismo injustificado, propõe-se o “processo medular da poesia cabralina: o não deixar que a imagem conduza ao sortilégio verbal.” (LIMA, 1968, p. 360). Assim o texto poético não se opõe ao real, porque nele se ampara, sem que nele se deixe esgotar.

Se a poesia contemporânea caracteriza-se pelo uso da linguagem experimental e pela aniquilação da realidade, em Cabral a linguagem passa a ser usada como matéria prima, mas sem recusar o real. A realidade na sua poesia faz parte de um circuito em que realismo e linguagem se entrecruzam, ou seja, são explorados simultaneamente sem a possibilidade de enfatizar o caráter sociológico em detrimento do formal, ou de deixar que o virtuosismo estético sufoque o comprometimento da sua poesia com “realidade, prima, e tão violenta que ao tentar apreendê-la toa imagem rebenta” (MELO NETO,

1994, p. 215). Aqui forma e conteúdo habitam o mesmo espaço, por isso Costa Lima faz alusão à existência de um realismo ativo e de uma linguagem ativa em percurso ora regressivo, ora progressivo. Dessa poética de tensão, entre o ético e o estético, o formal e o social, surge um circuito que, embora venha da realidade, passa pela linguagem sem que nela se encerre.

Relacionando essa crítica fenomenológica exercida por Costa Lima às traições de João Cabral, é possível destacar, entre outros aspectos já mencionados, a prática da linguagem ativa e do realismo ativo que aproxima a sua visualização do mundo ao realismo fenomenológico. Assim a ruptura de João Cabral em relação aos outros poetas consiste não apenas em focar a sua poesia no estético, mas em partir de um real que será visualizado e tematizado de modo diferente. Nessa perspectiva, pode-se dizer que sua poesia aproxima-se da ideia de *mimesis* formulada por Costa Lima, pois mistura forma e conteúdo, conciliando a possível tensão mencionada por esse crítico entre o estético e o ético, sem que algum dos dois seja preterido ou preferido. Demonstra-se, portanto, que por meio do ato consequente de trair, a poesia de João Cabral equilibra-se entre a elaboração extremada da palavra poética e o modo peculiar de visualizar a realidade. “Na verdade, prática da linguagem ativa e realismo ativo são duas faces de uma mesma realidade, a realidade formada pela poesia cabralina. O poeta assume papel de comando sobre a linguagem – papel de construtor e não de vidente ou inspirado – para que ative a realidade e não a aceite constituída.” (LIMA, 1968, p. 364)

Além desse realismo fenomenológico que possibilita à poesia cabralina visualizar o mundo com uma lente desfocada, o mote desse texto – a traição de João Cabral em relação aos poetas que o influenciou – também se relaciona ao conceito de *mimesis* de Costa Lima. A ruptura do poeta brasileiro com os poetas europeus pode ser vista como a negação do pensamento de que as artes periféricas se constroem a partir da imitação dos modelos ditados pela metrópole cultural. Assim, essa traição de João Cabral aproxima-o do *trickster*, pois, ao invés de apenas se apropriar das influências vindas dos importantes centros intelectuais, a poesia cabralina problematiza-as, roendo tudo aquilo que considera excessivo na lírica de seus precursores e instaurando a diferença (*mimesis*) sem se limitar em reproduzir o modelo representado por eles (*imitatio*).

Diante dessas considerações, conclui-se que a partir da leitura fenomenológica, em *Lira e antilira*, Costa Lima desenvolve a sua trajetória de encaminhar a crítica literária para uma crítica centrada na razão estética, mas sem se descuidar de outros

fatores que a envolve. Assim como aponta a evolução da poesia de Cabral a partir de círculos, e não de saltos, demonstrando seu desenvolvimento gradativo, pode-se dizer que sua crítica também evolui em círculos. Conforme ele mesmo observa em texto que se propõe a dizer o que deve ao estruturalismo, até mesmo a virada teórica em relação a essa linha de pensamento não se dá como recusa aos seus princípios, mas como forma de ultrapassar certos limites intelectuais nele encontrado. Desse modo, ao analisar a poesia de João Cabral com base na fenomenologia de Husserl, já se demonstram algumas nuances daquilo que, após a sua ligação aos estudos estruturalistas, o rompimento com eles e o ingresso no “pós-estruturalismo”, se consolidaria como a teoria da *mimesis* que tem sido exposta a partir de 1980.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCIDES, Sérgio. “Os caminhos de uma questão: Luiz Costa Lima e ‘O controle do imaginário’”. In: ROCHA, João César de Castro. *Nenhum Brasil existe – pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 929-939.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: EDUSP/Perspectiva, 1971.

CAMPOS, Haroldo de. “O lugar de Luiz Costa Lima”. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich. ROCHA, João César de Castro. *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 147-153.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

LIMA, Luiz Costa. “A traição consequente ou a Poesia de Cabral”. In: \_\_\_\_\_ *Lira e Antilira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 237-410.

LIMA, Luiz Costa. “João Cabral: poeta crítico”. In: \_\_\_\_\_, *Intervenções*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 111-134.

LIMA, Luiz Costa. *Mimesis e modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LIMA, Luiz Costa. “O Pai e o Trickster”. In: \_\_\_\_\_ *Terra Ignota: A construção de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 239-274.

LIMA, Luiz Costa. “Retrospecto de uma fresta: o que devo ao estruturalismo”. REVISTA USP, São Paulo, n.81, p. 130-140, março/maio, 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/81/10-costalima.pdf> Acessado em: 02/12/2014.

LIMA, Luiz Costa. *História.Ficção.Literatura*. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

LIMA, Luiz Costa. *Mímesis: desafio ao pensamento*. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

LIMA, Luiz Costa. *Trilogia do Controle*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

NUNES, Benedito. “Prolegômenos a uma crítica da razão estética”. In: LIMA, Luiz Costa. *Mímesis e modernidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1980. p. IX – XVI.